Volatilidade, memorandos e outros encantamentos

Volatilidad, memorandos y otros encantamentos

Volatility, memos, and other enchantments

Santiago Alcázar

Resumo: O presente artigo expõe os termos do Memorando de Entendimento entre os EUA e o Irã para reestabelecer a paz, faz comentários e expõem a fragilidade de Israel que parece propenso a ignorar o que o mundo mais deseja: a paz.

Palavras-chave: ONU; conflito EUA-Irã; Israel; paz.

Resumen: *El presente artículo expone los términos del Memorando de Entendimiento entre los EUA e Irán para restablecer la paz, hace comentarios y expone la fragilidad de Israel, que parece inclinado a ignorar que lo que el mundo más desea es la paz.*

Palabras clave: *ONU; conflicto entre EE. UU. e Irán; Israel; paz.*

Abstract: *The article brings forward the terms of the Memorandum of Understanding between the US and Iran. It makes some comments and shows the fragility of the position of Israel that seems bound to ignore what the world wants more eagerly: peace.*

Keywords*: UN; U.S.-Iran conflict; Israel; peace.*

Em 12 de junho, o Primeiro-Ministro do Paquistão, Shehbaz Shariff, anunciou que um texto havia sido acordado entre os EUA e o Irã para reestabelecer a paz.

O texto foi digitalmente assinado pelos respectivos representantes daqueles dois países em 14 de junho.

Em 17 de junho, o Presidente Donald Trump assinou a cópia daquele texto durante um jantar de gala em sua homenagem, no Palácio de Versailles. O Presidente do Irã, Masoud Pezeshkian, fez o mesmo, em Teerã.

O texto em questão é um Memorando de Entendimento – documento que atesta haver acordo de intenções e de expectativas entre as Partes e, geralmente, antecede à conclusão de um Acordo formal – e consta de 14 parágrafos.

Os primeiros três parágrafos referem-se à implementação do cessar-fogo; à não ameaça ou uso da força; ao respeito à integridade territorial e à soberania das Partes, inclusive à do Líbano; à não interferência nos assuntos internos; e ao compromisso para continuar negociações com vistas a alcançar Acordo final no prazo de 60 dias, prorrogável. Interessante é que esses três parágrafos iniciais envolvem os EUA, Irã e os seus aliados, ainda que nenhum deles tenha participado das negociações que levaram ao Memorando.

O quarto parágrafo trata do fim do bloqueio dos EUA e de da retirada de suas forças militares instaladas próximas ao Irã.

O quinto parágrafo refere-se à garantia do Irã de assegurar passagem desimpedida de navios pelo Estreito de Ormuz, o que significa levar a cabo operação de desminagem. O mesmo parágrafo garante que o Irã manterá discussões com o Sultanato de Omã e com outros países no litoral do Golfo Pérsico no sentido de definir a administração do Estreito de Ormuz, com pleno respeito do Direito Internacional e com os direitos soberanos dos estados litorâneos.

O sexto parágrafo afirma que os EUA assumem a responsabilidade (*undertakes to develop*) de desenvolver com parceiros regionais um plano de ao menos US$ 300 bilhões para a reconstrução e o desenvolvimento da República Islâmica do Irã.

O sétimo parágrafo afirma que os EUA tomarão a iniciativa (*undertakes to terminate*) de dar por terminadas todas as sanções contra o Irã, incluindo às do Conselho de Segurança e às da AIEA.

O oitavo parágrafo reafirma que o Irã não tem intenções de desenvolver armas nucleares. Com respeito ao estoque de urânio enriquecido existente, acordam negociar uma solução satisfatória para ambas as Partes, incluindo a possibilidade de "down blend" – reduzir o nível de enriquecimento – em loco, no Irã, com a supervisão da AIEA. Contempla também as necessidades do Irã com respeito ao uso de enriquecimento de urânio para fins pacíficos – energia elétrica e medicina.

O parágrafo nove garante a manutenção do status quo do programa nuclear enquanto o Acordo final não for concluído. Os EUA não recorrerão ao uso da força, nem imporão novas sanções no período que deve conduzir ao Acordo final.

Os parágrafos dez e onze levantam as restrições para a exportação de petróleo e de produtos de petróleo pelo Irã, bem como aquelas para permitir a esse país voltar a fazer uso de seus recursos financeiros "congelados" no sistema internacional.

Os demais três parágrafos tratam da criação de um mecanismo executivo para monitorar a implementação do Memorando de Entendimentos; do início de negociações pertinentes em vista do Acordo final; e, pasmem, o anúncio de que o Acordo final será endossado pelo Conselho de Segurança da ONU de maneira mandatória.

O Memorando de Entendimento é extraordinário. Segundo os termos, os EUA devem: i) retirar-se da área próxima ao Irã. Não está claro se "área próxima" incluiria as bases militares já instaladas; ii) por fim ao bloqueio militar; iii) comprometer-se a desenvolver plano de reconstrução e desenvolvimento; iv) por fim a todas as sanções; v) descongelar os recursos financeiros retidos no sistema internacional; vi) reconhecer a validade do compromisso do Irã de que não pretende desenvolver armas nucleares; vii) aceitar negociar o destino do estoque atual de material nuclear enriquecido; reconhecer as necessidades de enriquecimento para fins pacíficos; viii) aceitar implementar cessar-fogo, respeitar a integridade territorial e a soberania do Irã, bem como a do Líbano.

Em contrapartida, o Irã permitirá a passagem desimpedida pelo Estreito de Ormuz e empreenderá negociações com os Estados do Golfo Pérsico a futura administração dos serviços marítimos para o Estreito de Ormuz.

O Memorando tem valor histórico por ter sido assinado pelo Presidente Trump em Versailles, diante de todos os integrantes do G-7. Também tem valor por acomodar todas as reivindicações iranianas, o que seria impensável antes da guerra. Não importa que o Memorando

de Entendimento não tenha o peso de um Acordo. As reivindicações iranianas foram todas reconhecidas pelos EUA. Isso é o mais importante.

Imagem 1 – Donald Trump assina Memorando de Entendimento (MoU) com o Irã no Palácio de Versalhes, na França, em 17 de junho de 2026



Foto: Reprodução/The White House

As razões que levaram o Governo de Donald Trump a concluir o Memorando de Entendimento pertencem aos bastidores da história. O Presidente norte-americano diz que obteve uma vitória histórica. A realidade parece desmentir esse rompante de colegial. Para muitos, ao contrário, Trump cedeu tudo e não ganhou nada. O que ficará para a história, no entanto, é o que representa a conclusão do Memorando de Entendimento: o reconhecimento de um engano.

Os EUA entraram na guerra pelas mãos de Israel. Não tinham nada a ganhar, mas foram convencidos a entrar nela por pressão do Primeiro-Ministro Benjamin Netanyahu que, possivelmente, teria prometido, como vendedor de xarope milagroso, uma *blitzkrieg* a ser seguida de abundante colheita de benefícios. O que surpreende é como a maior potência do mundo pode ser hipnotizada e levada a fazer coisas que, normalmente, não faria. O Presidente Donald Trump já se terá dado conta que a paz lhe custara caro, talvez mais caro que a guerra.

O Memorando tem os seus problemas. Como garantir, por exemplo, os US$ 300 bilhões para a reconstrução e desenvolvimento do Irã. De onde virá o dinheiro? Em Washington, as lideranças políticas fazem cara de paisagem. Os países do Golfo terão dificuldade em entender por que eles teriam que pagar a conta pelo desastre provocado por EUA e Israel. É um ponto importante porque o Irã foi severamente afetado pelos bombardeios. Ainda que não saia um tostão dessa intenção o que fica é o reconhecimento pelos EUA de que a guerra causou perdas enormes que têm de ser reparadas. Esse reconhecimento é uma fresta para a entrada de um possível processo judicial contra os EUA junto à Corte Internacional de Justiça, órgão das Nações Unidas que, agora, Trump, ironicamente, pede que endosse o eventual Acordo final.

O Memorando tem validade? Juristas estadunidenses próximos a Israel levantam a questão recordando que o "Iran Nuclear Agreement Review Act" (INARA) obriga o Executivo a submeter à apreciação do Congresso norte-americano qualquer ato relacionado ao tema nuclear no Irã. Segundo os termos dessa Lei, o Memorando teria que passar pelo Congresso onde

Republicanos e lobistas a soldo esperam torná-lo inoperante. É uma possibilidade, mas o "mal" já teria sido feito e não há como voltar atrás.

Israel manifestou publicamente que o país não está vinculado ao Memorando porque não fez parte das negociações, teve negado acesso ao projeto e não está explicitamente mencionado no texto. O Primeiro-Ministro Benjamin Netanyahu foi mais longe e informou Washington que Israel não irá retirar as suas forças do Sul do Líbano e continuará a bombardear o Hezbollah naquela região. Para alguns, as palavras do Primeiro-Ministro soaram como um desafio. Outros interpretaram como um ato de desespero. Dobrar aposta é sempre desafiar no desespero.

Israel reagiu como sempre reage. É um caso especial que não pode ser tratado senão de modo especial. Não pode ser submetido ao Direito Internacional, porque é um caso especial. Ignora as suas obrigações como Estado ocupante na Palestina ocupada, porque é um caso especial. Comete genocídio, tortura e todo tipo de abuso, sem ter de responder ante nada e ninguém, porque é um caso especial. Faz parte das Nações Unidas, mas ignora as resoluções com respeito ao Estado Palestino, porque é um caso especial.

Isso parece estar mudando. Há uma crescente antipatia com o Governo de Benjamin Netanyahu, que parece atar a sua sobrevivência política ao apoio que recebe de extremistas que fazem da desumanização o princípio reitor de suas vidas.

Em 19 de junho, em coletiva de imprensa na Casa Branca convocada para comentar o Memorando, J.D. Vance, Vice-Presidente dos EUA, respondeu à pergunta relativa à reação negativa de Israel com respeito àquele documento. Para surpresa de todos, Vance foi duríssimo:

> *Minha mensagem a esses que criticam o Memorando –* Israel *– é clara: Donald J. Trump é o único Chefe de Estado em todo o mundo que, neste momento, é simpático a Israel*.

Em seguida discorreu em como Israel depende dos EUA:

> *É preciso que alguns líderes israelenses acordem e cheirem a realidade em que esse país se encontra*.

Para finalizar, sugeriu que Israel reduza a sua presença no Líbano:

> *Vocês são um país de 9 milhões de pessoas. Vocês não podem simplesmente continuar a matar como se essa fosse a solução para todos os seus problemas de segurança nacional*.

Não há registro de que autoridade norte-americana tenha feito publicamente críticas tão duras e severas a Israel. É possível que, de fato, algo esteja mudando. O problema é a insustentável volatilidade do Presidente Trump. No fim de semana, talvez aborrecido por alguma questão menor, voltou a lançar ameaças ao Irã, que revidou anunciando que teria fechado o Estreito de Ormuz. As notícias são confusas. A BBC publicou hoje a foto abaixo, com o título "O primeiro round de negociações EUA-Irã termina com progresso encorajador, dizem os mediadores"

Imagem 2 – Delegações de EUA, Irã, Paquistão e Catar se reúnem em hotel na Suíça durante rodada de negociações sobre o Oriente Médio, em 21 de junho de 2026



Fonte: © REUTERS – Nathan Howard

O Memorando de Entendimento certamente não resolverá todas as questões e até é possível que haja retrocessos e, no pior dos casos, fracasso, o que apenas confirmaria a máxima pessimista de que "*Se há entendimento entre o gênero humano é porque se trata de um mal-entendido"*.

Todos viram alguma vez as cobras "hipnotizadas" de Marraquexe. O Presidente Donald Trump não é uma cobra e não vive em Marraquexe. O "encantador" de serpentes vive à pouca distância, mas hoje em dia tudo é tão próximo. A volatilidade explica muito, mas não explica tudo. O que fica é esse tal de Memorando de Entendimento que não pode desaparecer por magia ou encanto.